

JOÃO DE MANCELOS

A rapariga que lia para os mortos

Tinha apenas 17 anos, quando decidi seguir as passadas de meu pai e tornar-me coveiro. Pode parecer, ao leitor, uma estranha escolha, sobretudo para um jovem alegre e despreocupado como eu era. Por que enveredei, então, por essa forma de vida tão peculiar? Garanto-vos que não sentia nenhum mórbido fascínio pela morte, com os seus cortejos de parentes enlutados e lacrimajantes, os trajas negros e o silêncio de pedra. Pelo contrário, a dor, a melancolia e o abandono deprimiam-me. Por isso, experimentava uma genuína empatia por quem tivesse perdido um ente querido. Era sempre com sinceridade que lhes apresentava os meus pêssames – e isso confortava-os.

O que me seduzia naquela profissão era ser tranquila e desapressada como a própria eternidade. Havia uma compostura digna em todos os intervenientes, uma ordem específica, há muito ritualizada, em cada gesto ou palavra. Em suma, tirando os ocasionais percalços do carro funerário chegar atrasado, do forno crematório arder ou de um parente esmurrar outro por causa do testamento, não havia surpresas a registar.

No entanto, houve um facto extraordinário que marcou decisivamente a minha carreira de coveiro. Permito-me partilhá-lo com o leitor, para que não caia no esquecimento. O caso deu-se no meu primeiro ano de coveiro, em 1983, era eu ainda um aprendiz do ofício, a labutar lado a lado com o meu pai. Nessa jornada, coube-me encerrar o cemitério, ao final de uma tarde tépida e outonal. Apreciava, em particular, a placidez do ocaso, quando a luz do sol doira as lápides, o vento agita as flores já fanadas, a quietude desce sobre o mundo e se escuta o chilrear dos pássaros, preparando-se para a noite.

Como de costume, a meia hora do fecho, fiz soar a sineta, para avisar os visitantes, e dei um último giro por entre as campas e jazigos, não fosse algum idoso surdo não ter ouvido o toque. Já sucedera algumas vezes, acreditem. Não foram poucos os que, em pânico, desataram a gritar desalmadamente, perante a tenebrosa expectativa de passarem a noite entre as mesmas lápides e cadáveres onde, minutos antes, haviam rezado.

Foi, então, que a vi. Era uma rapariga bonita, a pele seráfica, o cabelo negro e longo, envergando um vestido azul-bebé, fora de moda. Encontrava-se sentada na esquina de uma campa de mármore, há muito ao abandono. Na mão direita, segurava um livro de bolso, de folhas amarelecidas; a esquerda descrevia gestos graciosos, como um maestro a reger uma orquestra. Numa voz melodiosa, numa cadência lenta, declamou: “Sou aquela que passa e ninguém vê ... / Sou a que chamam triste sem o ser ... / Sou a que chora sem saber porquê ... / Sou talvez a visão que Alguém sonhou, / Alguém que veio ao mundo pra me ver / E que nunca na vida me encontrou!”

Fiquei tão perturbado que pensei tratar-se de uma rapariga fantasma, embora não acreditasse em espíritos. A jovem, ao dar pela minha presença, pareceu adivinhar-me o pensamento e gritou:

“Buuu!”

Instintivamente, recuei um passo. Ela soltou uma gargalhadinha e sossegou-me:

“Não tenhas medo.”

“Desculpa. Assustei-me. Não é costume ver alguém a declamar para os mortos.”

“Não é um defunto qualquer. É a minha avó preferida.”

“Vens visitá-la muitas vezes?”

Encolheu os ombros:

“Sempre que posso.”

“Como sabes os gostos da tua avó?”

“É fácil: herdei as estantes dela. Prateleiras e mais prateleiras com livros de poemas, como este.” Exibiu a capa: *Livro de Mágoas*, de Florbela Espanca. “Costumas ler?”

“Nem por isso.”

“Não sabes o que perdes. A minha avó morreu aos quarenta anos, quando a biblioteca municipal ardeu. Trabalhava lá.” O semblante turvou-se-lhe. “Às vezes, penso que preferiu arder a abandonar os livros.”

Ergueu-se da campa, sacudiu o pó do vestido, enfiou o livro numa sacola castanha e pô-la a tiracolo. Quando se aproximou de mim, reparei que tinha os olhos azuis-cobalto, uma cor tão rara que apenas a vi uma vez, num bebé.

“Não sabia que tinha havido um incêndio”, disse-lhe.

“Foi em 1968. Neste talhão do cemitério, foram sepultados o diretor, a bibliotecária, que era a minha avó, e onze outras pessoas.”

“Não fazia ideia!”

“Devias saber. Não és o coveiro?”, apontou para o dístico na lapela do meu casaco.

“Coveiro-aprendiz”, corrigi.

“Vem comigo.” Deu-me a mão. Corei, de imediato. “Vou mostrar-te.”

“Mas eu tenho de encerrar o cemitério.”

“É assim tão urgente? Tens medo que algum morto fuja?”

Percorremos juntos um caminho entre jazigos escurecidos pelo rodar das estações e cobertos de verdete. A rapariga tinha uma forma engraçada de andar, aos pulinhos, como um pardalito, sem me largar a mão. Cheirava a cedros e a madressilva. Apontou uma campa rasa, assinalada por uma cruz singela.

“Aqui, está sepultada uma menina que ficou presa na cave quando o fogo começou.”

“Como sabes?”

“Li nos arquivos da biblioteca nova. Na altura, a tragédia fez as parangonas dos jornais. Anda, vamos ver outra.”

Mostrou-me um jazigo, com um frontão triangular, um escudo brasonado, duas colunas jónicas, à entrada, e uma epígrafe: “parvus et magnus ibi sunt”.

“Apresento-te o diretor da biblioteca e os seus familiares.”

Apontou para mais alguns túmulos, quase todos humildes, olvidados, afundando-se, ano após ano, no ventre da terra. Não fosse o incêndio e talvez aquelas pessoas ainda estivessem entre nós, tricotando gorros para os netos, viajando em excursões para observarem as amendoeiras em flor, redigindo memórias. A rapariga parou, de súbito, e agachou-se:

“Sabes qual é a sepultura mais bonita? É esta, de um casal.”

Dois anjos de pedra, quase da estatura de adultos, erguiam-se junto à lápide. A asa de um já se quebrara. O outro estava inclinado, como se desejasse encostar-se ao ombro do seu par. Há muito que ninguém cuidava da campa: não havia velas, nem flores. Possivelmente, os familiares teriam emigrado para França ou falecido. Os nomes dos esposos eram ilegíveis. Esfreguei a lápide com o cotovelo, sem êxito. A rapariga explicou:

“Saltaram os dois da janela do terceiro andar, abraçados, para evitar as chamas.”

“Juntos até à morte.”

“Ela estava grávida de uma menina.”

Senti um calafrio percorrer-me. A adolescente perguntou:

“Tens medo da morte?”

“Algum.”

“Porquê?”

“Não sei o que há do outro lado.”

“Dizem que é a eternidade.”

“O infinito assusta-me. Já imaginaste? As mesmas pessoas para sempre, cada vez mais recordações, não ser capaz de esquecer.” Engoli em seco. “Deve ser terrível.”

“Nunca tinha pensado nisso.”

“E tu? A morte não te mete medo?”

“Não.” Fitou-me, deveras séria. “Mas há uma coisa que me aterroriza.”

“O quê? Incêndios, terramotos, furacões?”

“Nada disso.” Hesitou e desviou o olhar. “É morrer sem ser beijada.”

“Que idade tens?”

“Quinze.”

“Oh, ainda vais muito a tempo!”

“E se partir aos dezasseis?”

“Pouco provável, não achas?”

“Mas possível. Diz-me: a que sabe um beijo de rapariga? A uvas? A amoras? A cinza?”

Emudeci. Nunca tinha experimentado o ósculo de nenhuma.

“Não sabes, pois não, coveiro-aprendiz?”

Acenei negativamente.

“Tens pavor de mim, da morte, do infinito. Diz-me: também tens medo de um beijo?”

Antes que eu tivesse tempo de replicar, segurou-me o rosto entre as mãos e beijou-me longamente. Não de forma delicada, como outras raparigas que viria a conhecer, mas com sofreguidão. No fim, mordeu-me o lábio inferior. Doeu. Levei a mão à boca. Sangrava.

Ela murmurou:

“Sabe a sangue, um beijo de rapariga. Como a vida.”

Pousou a mão na fivela do meu cinto. Senti o desejo percorrer-me. Ia a retribuir o ósculo roubado, mas ela afastou o rosto:

“Anda lá. Tens de fechar o cemitério.”

Olhei para o relógio. Já passava da hora. Acompanhei-a, em silêncio, até aos tristes portões de ferro forjado. À despedida, a adolescente tirou o livro da sacola e entregou-mo.

“Quero que fiques com isto e o leias. Prometes?”

“Combinado.”

Sorriu e beijou-me a face, um ósculo casto, de irmã. Contemplei-a enquanto se afastava pela rua ladeada de ciprestes até se sumir entre as sombras de outubro e as folhas cadentes. Guardei o volume no bolso do casaco. Passados quarenta anos ainda o conservo. Perdi a conta às vezes em que o li. Amareleceu ainda mais com o tempo e um dos cadernos descoseu-se. Porém, graças a ele, tornei-me num leitor ávido.

Não tive oportunidade de devolver o livro à rapariga, porque nunca mais a vi. De qualquer forma, acalento uma suspeita. Revelara-me que uma bibliotecária e doze outras pessoas haviam perecido no incêndio, ou seja, treze indivíduos. Mas, juro-vos, contei e recontei as sepulturas, li os artigos de jornal, e nunca descobri referência a mais de doze. A menos que a bebé por nascer, do casal perecido no incêndio, fosse ela, quinze anos depois. Contudo, não deixo que isto me tire o sono. Foi o meu primeiro beijo e soube-me ao sangue da vida.

NOTA BIOGRÁFICA

João de Mancelos, nome literário de Joaquim João Cunha Braamcamp de Mancelos, nasceu em Coimbra, em 1968. É licenciado em Ensino de Português e Inglês (Universidade de Aveiro, 1992), mestre em Estudos Anglo-Americanos (Universidade de Coimbra, 1996), doutorado em Literatura Norte-americana (Universidade Católica Portuguesa, 2001), pós-doutorado em Estudos Literários (Universidade de Aveiro, 2006-2012) e agregado em Estudos Culturais (Universidade de Aveiro, 2015). Lecionou na Universidade Católica Portuguesa (1992-2006), na Universidade de Aveiro (2006-2012) e na Universidade da Beira Interior (2012-presente). Publicou 27 livros. No ensaio, destaca-se *O marulhar de versos antigos: A intertextualidade em Eugénio de Andrade* (2009) e *Manual de escrita criativa* (2012); na poesia, *A sombra de um homem só: Poemas selecionados* (2022); no conto, *Nunca digas adeus ao verão* (2021) e *A rapariga que adorava finais felizes* (2021). Este último livro integra o Plano Nacional de Leitura. Foi distinguido em diversos concursos literários. Dois contos seus foram adaptados a teatro e um a cinema, no Brasil.

